

# História do Colégio Naval

*Excertos do livro COLÉGIO NAVAL 50 ANOS,  
do historiador e professor Guilherme de Andrea Frota.*

## Surge o Colégio Naval

Durante a gestão do duque de Caxias como chefe de governo, foi autorizada a criação do Colégio Naval pela Lei nº 2.670 de 20 de outubro de 1875, sendo efetivada pelo Decreto n 6.440 de 28 de dezembro de 1876, assinado pela Princesa Isabel, então ocupando a Regência do Trono.

Após a realização de um concurso público, ocorreu a inauguração, em fevereiro de 1877, com alunos procedentes de 14 Províncias.

Teve o Colégio por sede o mesmo prédio que ocupara o Externato. Modelava-se como uma organização militar, cujo diretor devia ser um oficial superior da Armada; seus discentes, chamados alunos navais, assentavam praça, recebiam soldo e fardamento como os aspirantes e, durante três anos, diminuídos para dois em 1879 (Decreto n 1.660 de 8 de fevereiro de 1879, gestão do ministro Eduardo de Andrade Pinto), preparavam-se intelectual, moral e fisicamente para ingressarem na Escola de Marinha. Visando à correção de uma das maiores deficiências do Externato, implantou-se a educação militar aliada ao estudo acadêmico.

Os docentes, escolhidos criteriosamente, eram oficiais que pertenciam ao quadro do magistério naval: João Pedro de Aquino lecionou Matemática e Desenho Linear; Balthazar Bemardino Baptista Pereira, Geografia e História; Joaquim Mendes Malheiros, Português, Francês e Inglês.

Existiam 72 alunos no ano de sua criação, diminuindo para 59 no início de 1878, e para 57 no final desse ano. No início do ano letivo de 1886, o 3o ano contava com 21 alunos, o 2o ano com 14 e o 1o ano com 39.

Exerceram a direção do Colégio Naval os seguintes oficiais: Thomas da Cunha Vasconcellos, Rodrigo Antonio de Lamare, João Mendes Salgado, Fortunato Foster Vidaí e Dyonisio Manhães Barreto.

A existência do Colégio Naval foi curta. A elevada despesa que acarretava, o baixo índice de procura, as constantes reprovações dos que nele entravam, a rígida rotina diária, que a muitos afugentava, conduziram à sua extinção, de acordo com o Decreto nº 9.611, de 26 de junho de 1886, o mesmo que alterou a denominação da Escola de Marinha para Escola Naval e aumentou de três para quatro anos o seu curso.

No dia 1º de agosto de 1886, o Colégio Naval cerrou as suas portas, em parte vítima da administração do Ministro Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves. Melancolicamente, seu efetivo de alunos navais matriculados aquartelou na Ilha das Enxadas, onde se encontrava instalada a Escola Naval, passando a constituir o curso prévio, igualmente com três anos e com as mesmas características do extinto Colégio Naval.

Desaparecera o Colégio Naval, primeiro educandário militar de nível médio do Brasil, mas não morrera a idéia: poucos anos depois, a 9 de março de 1889, o Conselheiro Tomás José Coelho de Almeida, então ministro da Guerra, dava início à existência do Imperial Colégio Militar do Rio de Janeiro.

## De Novo o Colégio Naval

O desaparecimento precoce do Colégio Naval no século XIX não permitiu sedimentar uma tradição.

Não morrera, contudo, entre as autoridades navais, o desejo de reimplantar um estabelecimento de ensino médio, visando ao preparo para a Escola Naval. Entretanto, a República Velha não se mostrou capaz de concretizar esta aspiração. E nem a Revolução de 1930, com a dilatada permanência de Getúlio Vargas à frente dos destinos da Nação.

Efetivou-a um militar de carreira, o General Eurico Gaspar Dutra, presidente da República de 1946 a 1950, influenciado por ensinamentos decorrentes da Segunda Guerra Mundial.

A conjuntura mostrava-se favorável. Com o término da Segunda Guerra, muitos oficiais requereram transferência para a reserva, o que provocou a necessidade de prover os claros. Assim, constituiu meta prioritária oferecer aos jovens a oportunidade mais abrangente de aspirar à carreira naval. Criar um educandário de nível médio ainda embutia outra vantagem, além da exposta: admitir na vida militar o elemento em idade mais plasmável daria melhor homogeneidade à futura classe de oficiais e diminuiria as diversidades sociais presentes, como conseqüências de um concurso universal e democrático.

Assim, a 25 de fevereiro de 1949, foi criado o atual Colégio Naval pelo Decreto nº 26.403. Uma comissão, instituída pelo Aviso Ministerial nº 1.360, de 30 de junho de 1949, presidida pelo Capitão-de-Mar-e-Guerra Alberto Jorge Carvalhal (primeiro diretor do Colégio Naval), elaborou um Regulamento, aprovado pelo então ministro da Marinha, Almirante Sílvio de Noronha, e transformado no Decreto nº 28.627, de 12 de setembro de 1950.

O local escolhido para a instalação do educandário foi o conjunto de edificações existente em Angra dos Reis, com isso transferindo-se a Escola de Grumetes para Santa Catarina.

Como na época do Império, os alunos sentariam praça especial, receberiam soldo e pagamento de uniforme, preparando-se intelectual e fisicamente para o curso da Escola Naval. O jovem obtinha a matrícula após concurso público intelectual, submetendo-se, também, a provas físicas e exames médicos, tudo de acordo com um grande sentido democrático.

Uma nova comissão, criada igualmente por ordem ministerial, empenhou-se em viabilizar as instalações para receberem a nova instituição. Diversas obras foram executadas no prédio principal e nos anexos pela firma Campos Fernandes & Cia Ltda, do Rio de Janeiro, vencedora da concorrência pública, sendo fiscalizadas pelo Capitão-de-Fragata Luiz Clóvis de Oliveira.

Em síntese, procedeu-se a uma pintura geral, taqueamento das salas de aula, reparo das rotundas (banheiros), revisão da rede elétrica, melhoria da cozinha e padaria, reparo nas casas para oficiais, sendo erigidas novas unidades, e construção de uma residência para o diretor (hoje servindo ao imediato). Abaixo do hospital, foi erigida uma enfermaria, com gabinetes médico e dentário. Ao seu lado permaneceu a fonte do pelicano feito em alvenaria, que nesse local pousou, vindo não se sabe de onde.

Na Avenida Marques de Leão assentaram-se metralhadoras de 20mm (recolhidas em 1985 à DACM); o canhão de salvas, existente no extremo da Taperinha, foi removido para a lateral esquerda do prédio principal, apresentando-se, hoje, apenas, como adorno, sem que se saiba a sua procedência. As salvas ficam a cargo de dois canhões Armstrong de 47mm (eram quatro, anteriormente).

A amplitude destas obras não permitiu que o Colégio iniciasse as suas atividades na época prevista, em Angra dos Reis. As suas aulas começaram em 16 de abril de 1951, em regime de externato na parte da tarde, de uma às 5h30, em dependências da Escola Naval, na Ilha de Villegagnon, após concurso público para as três séries do antigo curso científico (hoje 2º grau). Grande parte dos candidatos eram jovens egressos do Colégio Militar do Rio de Janeiro (na ocasião não havia vagas reservadas ao único Colégio Militar existente). Como os candidatos para a 3ª série foram poucos, resolveu-se deixá-los no Curso Prévio, ficando o Colégio Naval com a 1ª e a 2ª série. A idéia pareceu boa e, em 1952, o curso foi condensado em dois anos, excluindo-se a História Natural e a Filosofia.

Nesta mesma oportunidade, concurso público proveu as diversas docências, sendo aprovados 14 professores.

Seu segundo diretor, Capitão-de-Mar-e-Guerra Mário Costa Furtado de Mendonça, ativou a transferência para Angra. No dia 10 de agosto, uma sexta-feira, os alunos embarcaram nos Contratorpedeiros-de-Escolta *Beberibe e Bracuí* com destino ao Colégio Naval - 199 no primeiro e os demais no segundo. A maioria mareou durante as oito horas de viagem. No dia 15, instalou-se o Colégio em Angra dos Reis, com a presença do diretor de Ensino da Marinha. No ano seguinte, resolveu-se condensar os três anos letivos em dois, permanecendo assim até 1975, quando novamente distendeu-se para os três anos, atualmente em vigor.

## Um Pouco de História

Sendo um estabelecimento de ensino profissionalizante, o Colégio Naval oferecia aos alunos as matérias normais do então curso científico e mais as de formação militar-naval.

Foi tudo muito difícil no início, pois tudo se fazia pela primeira vez. Mas o "Bom Velhinho", como passou a ser conhecido o Comandante Furtado de Mendonça, conseguiu prover as necessidades e levar a bom termo as deficiências. O rancho, inicialmente feito em bandejas, foi substituído pelo serviço de taifeiros.

A rotina a ser cumprida pelo aluno era árdua, parcialmente como consequência da condensação dos estudos em dois anos; o desenvolvimento intelectual e o preparo físico, necessários para integrar os jovens na carreira das armas, absorviam todo o tempo disponível.

Logo nasceram disputas esportivas entre as turmas; depois formaram-se equipes e os atletas do Colégio mediram forças com outras entidades, começando pelo Colégio Militar do Rio de Janeiro. Idealizada pelo Capitão-Tenente Fernando Antônio Alão, surgiu, em 1953, a Taça Eficiência, almejada pelas três companhias que compunham o Batalhão Escolar.

Os esportes de vela, o remo e as patescarias constituíam freqüentes fainas marinheiras, utilizando-se os antigos e pesados escaleres, a custo içados em turcos na ponte principal; em 1954, incorporaram-se o Cúter *Mergulhão* e três barcos da classe *Guanabara*, vindos do estaleiro naval de Santa Catarina.

As atividades culturais desenvolvidas pelos alunos concorreram para a fundação de um grêmio em 21 de dezembro de 1951. Uma de suas principais incumbências consistiu na criação de uma revista; ventilaram-se os nomes de *A Corveta*, *A Escuna*, *A Procelária*, *A Fragata* e *o Pelicano*. Mas ficou mesmo o nome de *Revista do Colégio Naval*, cujo primeiro número saiu ao final de 1952. Ao grêmio também

coube a tarefa de organizar os bailes de calouros, do aniversário do Colégio Naval e o da Âncora, realizado no Clube Piraquê (Rio de Janeiro), comemorativo do encerramento do curso.

Além de todas essas atividades, os jovens davam serviço (chefe-de-dia, subchefe, plantões, ronda e auxiliar), numa antevisão de sua carreira, desembaraçando-se, tomando-se safos, em boa linguagem marinheira.

À inexistência de banda de música para os desfiles originou a criação de uma banda marcial, integrada por alunos e praças do Corpo de Fuzileiros Navais.

Dos estaleiros desta juventude nasceram as brincadeiras que se tomaram tradicionais: surra de caxangá após o "parabéns para você" ; o *bacalhau*, lançamento ao mar daquele que obtinha, ao fim do ano, notas melhores do que esperava; a *hidráulica*, batalhas aquáticas entre os componentes dos alojamentos, inesperada, como devem ser as guerras, plena de requintes de ataques e defesas; os trotes nos calouros, algumas vezes ríspidos, compreendiam os avanços nas "farmácias" dos bem aquinhoados; as patinhas de elefante, de leão, os cruza remos; o "Viva à Marinha" com jacuba de manga, o gostoso ponche, o pinguim, o máximo e o mínimo, a regata com boca cheia de empada, vencendo o que assobiava primeiro; as aquisições de rifas...

Como mascote, os alunos escolheram um pato batizado de *Gingilim*, seguindo o modelo da dinastia dos *Brekelés* da Escola Naval; ao contrário do que nesta ocorre, aquele não teve descendência... O nome foi dado por um dos alunos em acalorada reunião do grêmio. Cearense de nascimento, lembrou-se de uma deliciosa paçoca dos tempos de infância. E em segredo mantiveram a idéia, explorando a curiosidade da turma com a chegada do *Gingilin*, excitando a todos sem explicar do que se tratava. Comprada a ave em Angra, descobriu-se ser uma pata. Logo encontrou-se um aluno capaz de diferenciar o sexo dos patos, que correu a Angra para proceder à troca, após o que pôde ser a mascote apresentada à turma, causando alegria geral. E *Gingilin* chamou-se o jornal, caricatural e mordaz, que não tardou a aparecer e continua a sua trajetória.

As precárias ligações com o Rio de Janeiro embargavam os licenciamentos ocasionais (em 1952, eram trimestrais e realizadas por um velho rebocador, o *Grumete, ex-Carioca*). Os que mais sofriam eram os de fora de sede (crônicos, bodes, laranjeiras ou aratacas), cerca de um terço dos alunos, sem condições de ir para casa nas curtas licenças.

Nos fins de semana, alguns arriscavam um passeio até Angra, onde chegavam depois de vencer um empoeirado caminho pelo Morro de São Bento. Clubes e restaurantes enchiam-se de alunos, ansiosos por variarem o rancho colegial; famoso ficou "seu" Teófilo e o seu restaurante Trianon, com boa comida caseira, estabelecido no Largo da Matriz. E também a "alemã" dos doces sensacionais. O primeiro ainda cheguei a conhecer e degustei, em companhia de alunos e suas famílias, o tradicional bife com fritas nas sextas-feiras, pouco antes do regresso para o Rio de Janeiro.

Em julho, os primeiranistas visitavam uma organização militar e os secundarístas embarcavam no Navio-Escola *Guanabara* (que pertencera à Marinha alemã, hoje navio-escola de Portugal), em viagem de adaptação à vida do mar; a partir de 1957, essa viagem passou a ser feita nos contratorpedeiros e outros navios de superfície.

Em poucos anos, o Colégio Naval deu provas de maturidade; ganhou escudo de armas, estandarte e selo, criados pelo Decreto n 35.512, de 18 de maio de 1954. Os alunos os incorporaram solenemente, cômnicos do que nele está escrito: CLASSIS SPES: esperança da Armada.

Neste mesmo ano, os componentes do grêmio alteraram o nome da revista para *A Fragata*, denominação que ostenta até hoje.

No ano seguinte, novo regulamento foi aprovado, fruto das experiências vividas; assinou-o o presidente da República, Café Filho (Decreto n 36.756, de 7 de janeiro de 1955).

Em 1956, por iniciativa do então chefe do Departamento de Ensino, Capitão-de-Corveta Fernando Aquiles de Farias Mello, instituiu-se a criação de nove prêmios, conferidos aos mais estudiosos, entre os que terminavam o curso. Vale assinalar que o prêmio máximo, Honra ao Mérito Excepcional, só foi conferido em nove

oportunidades, aos seguintes alunos: Renato Vilhena de Araújo, em 1959; Vitoriano Ruas de Barros Santos, em 1963; Márcio Jansen Cavalcanti, em 1975; Antonio Calil Neto, em 1980; Leandro José de Almeida Veltri, em 1988; Eduardo Favero, em 1990; Everton de Goés, em 1996; Felipe Augusto Coutinho Nascimento, em 1997 e Luciano Ordim Freire, em 1999. Seus retratos, compondo o Quadro de Honra, permaneceram no gabinete do comandante do Corpo de Alunos. Hoje fazem parte do acervo do Espaço Cultural.

Destacaram-se também os mais antigos de cada turma, com a classificação 01, sendo chamados de comandantes-alunos.

Ainda em 1956, nasceu o Departamento de Remo e Vela, origem do Grêmio de Vela, sendo realizada a primeira Regata Angra-Rio, evento veleiro que por muitos anos se repetiu; os *guanabaras* eram as embarcações que predominavam.

Em 11 de junho de 1956, inauguraram-se os bustos do Almirante Tamandaré e do Marinheiro Marcílio Dias, ambos fundidos no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

As ligações com o Rio de Janeiro aprimoravam-se, passando do Aviso *Grumete* e dos ônibus decrepitos da Viação Pássaro Marron para a utilização da via férrea entre Rio e Mangaratiba e do Aviso *Rio das Contas* no percurso restante.

Um aterro junto ao mar, em 1958, permitiu uma ligação mais cômoda entre o Colégio Naval e a cidade de Angra dos Reis; recebeu calçamento de paralelepípedos tirados da elevação rochosa existente no final da vila de casas dos oficiais. Passava a ter existência a "costeirinha", que só ganhou asfalto em 1965 e iluminação noturna em 1976.

O aniversário da instituição em 1959 marcou a incorporação de um novo elemento de vibração para os jovens alunos: o hino do Colégio, autoria do então Capitão-de-Corveta Luiz Felipe Menezes de Magalhães, com orquestração do maestro Oswaldo Cabral e letra do professor João de Camargo, estando os dois primeiros presentes à cerimônia festiva. Nessa oportunidade, o estandarte do Colégio Naval foi agraciado com a Medalha do Mérito Tamandaré.

Os professores, vinculados ao Departamento de Ensino Colegial, chefiados por um capitão-de-corveta, compunham uma pequena mas prestimosa equipe que dedicava toda a atenção ao aluno.

Devemos render homenagem aos primeiros oficiais que embarcaram no Colégio Naval, aos professores que nele acreditaram, bem como aos jovens que compuseram as primeiras turmas. Eles criaram a rotina, estabeleceram uma voga, tomaram-se os pioneiros das atividades de hoje, que, com as modificações naturais do tempo, ainda constituem a essência da vida do Colégio.

No décimo aniversário, o estandarte foi condecorado com a Ordem do Mérito Naval, no grau de comendador. Projetava-se o nome do estabelecimento, procurado com interesse pela juventude entusiasta.

Algumas reformas foram executadas no complexo material, em especial a do quartel da guarnição (1962), pela firma Wemer Ltda., de Niterói. No ano seguinte, foi construída uma área de lazer no extremo da Taperinha, nascendo o Clube Coqueiro, de oficiais e professores.

A partir de 1963, permitiu-se a transferência, para o Colégio Naval, de alunos dos Colégios Militares com média igual ou superior a seis.

Em 1965, foi criada a NAE (Naval, Aeronáutica, Exército), reunindo, anualmente, as três escolas preparatórias numa competição esportiva. O Colégio Naval conseguiu ganhar nos quatro primeiros anos. Para a disputa da modalidade de natação, em que pese a presença do mar defronte, havia necessidade de uma piscina. Portanto, onde antes existira uma quadra de basquete e outra de tênis, cimentadas, as firmas Enarc (fundações) e Acquasul (acabamento) construíram uma piscina de 25 metros, concluída em julho de 1969 e inaugurada pelo Ministro Mário Andreazza, Governador Jeremias Fontes e Almirante Silveira Lobo.

Na mesma ocasião, foi entregue ao público o trecho rodoviário Angra- Jacuecanga, prenuncio da futura Rodovia Rio-Santos.

O prédio do grêmio dos alunos sofreu expressiva reforma e ampliação, sendo estabelecido ao lado do ginásio coberto.

As viagens do meio do ano, realizadas a bordo dos Cruzadores Ligeiros *Barroso* e *Tamandaré*, levaram os veteranos, a partir de 1966, a visitar portos mais distantes (Salvador), mas a lavagem do convés com lona e areia que era feita no NE *Guanabara* persistiu a bordo dos cruzadores.

Novas exigências também ativaram construções: vários alojamentos começaram a surgir, formando um segundo andar em cima do salão do rancho (1970), sob a orientação da firma Sergen, bem como um ginásio novo, inaugurado em 1973. Foi nesse ano que nasceu o "cemitério", pista de aparelhos localizada ao lado do ginásio, cujo apelido se deu porque recebeu uma cruz de madeira, furtivamente fincada...

Ainda nesse ano de 1973, o Colégio Naval, anfitrião da IX NAE, viu-se na necessidade de melhorar o estande de tiro, para assim permitir a prova de carabina de mira aberta na distância de 25 metros, nas posições deitado, de pé e ajoelhado, sagrando-se vencedor nesta prova.

Dois anos depois, começaram a funcionar o laboratório físico-químico e, ao seu lado, as dependências administrativas do Departamento de Ensino Colegial.

Resolveu-se, em 1975, criar a Sociedade Acadêmica Greenhalgh, que passou a congrega os diversos grêmios. Seus estatutos foram aprovados em 22 de outubro de 1975.

E o trote aos calouros, antes tão ríspido, abrandou-se a uma quase existência. Foi justamente nos meados de 1975 que os primeiros e afoitos motoristas puderam constatar quão mais rápido se atingia o Rio de Janeiro pela nova estrada BR-101.

O ano do Jubileu de Prata foi também assinalado pela adoção de novo Regulamento (Portaria nº 1.358 de 14/09/1976 do Ministro, revogada pela de nº 0147 de 14/02/1986). Diversas modificações administrativas se processaram, representando a evolução da mentalidade naval. O Colégio passou a possuir três anos de curso; assim, em 1976, foram realizadas provas normais para os alunos que iriam cursar os três anos e provas excepcionais, diretamente para o 2º ano, para candidatos que já haviam cursado o 1º ano em outro colégio; e os alunos que cursaram o 1º ano em 1975 foram promovidos diretamente para o 3º ano.

No ano seguinte, a 20 de abril, o estandarte do Colégio Naval recebeu a Ordem de Rio Branco, no Palácio Itamaraty, em Brasília.

## Os Professores

Como evocar a história de um educandário sem abordar o seu corpo docente e o que pôde ele inspirar nas mentes jovens e permeáveis a novos conceitos e perspectivas intelectuais?

A Marinha não dispunha de professores para proverem as disciplinas regulamentares de um 2 grau quando foi criado o Colégio Naval. Simplesmente porque não existia o ensino de 2 grau. Assim, foi realizada uma prova pública no Rio de Janeiro no final do ano de 1950, com muitos candidatos inscritos em decorrência das vantagens, àquela conjuntura, oferecidas aos futuros professores. Realizado o concurso, foram admitidos 12 professores e dois suplentes, um de Português e outro de Matemática.

Em janeiro de 1951, o Corpo Docente estava organizado:

José França Santos — Português

Antônio José Novaes Jordão - Português

José Edison Pereira - Francês

José Oscar Lopes - Inglês

Dinamérico Pereira Pombo - Espanhol

Manoel Jairo Bezerra - Matemática

Luiz Pereira Lima - Matemática

Renato Garcia de Freitas - Química

Hélio da Rocha Pita - Física

Henrique de Oliveira Diniz - Desenho

Horácio Peres Sampaio de Mattos - História Natural (hoje Biologia)

Gilberto Alves da Silva - Geografia

Raimundo Abelardo de Araújo - História

João de Oliveira e Silva - Filosofia

E todos receberam aulas de Técnica de Ensino, sendo iniciadas as aulas do Colégio Naval em dependências da Escola Naval. Tão seletivo corpo de professores não podia deixar de marcar os alunos que, rapidamente, decifraram suas personalidades, analisaram os modismos, perceberam seus gostos. Pitta inclinava-se para os foguetes e todos acreditavam que alçaria vôo para o espaço. Renato aterrorizava os alunos com fórmulas enormes; perguntava-se o que deveria conter o seu "caderno de coisas". E logo ficou conhecido como Renatinho. Gilberto transmitia serenamente a Geografia entre as baforadas de seu inseparável cigarro. Famoso ficou, entre todos, o professor Diniz, que exigia ser chamado de mestre. Os alunos, irreverentes, atenderam, mas apuseram o adjetivo de "divino". A partir daí, todos ficaram com o "título" de mestre.

Permaneceram no estabelecimento Jair Natalino Espíndola Travassos, que se encontrava, desde 1º de fevereiro de 1939, na Escola de Grumetes, adido à cadeira de Português (aposentado em 15 de julho de 1988), e Jorge Pedro Salomão, admitido em 17 de fevereiro de 1941, encarregado da biblioteca (aposentado em 4 de abril de 1973).

Em pouco tempo, esse quadro de professores começou a sofrer alterações e acréscimos. O professor de História Raimundo Abelardo de Araújo deixou o cargo em 24 de setembro de 1959. José Oscar Lopes ficou até 29 de fevereiro de 1956. Ovídio Cláudio da Silva Júnior ministrou aulas de Desenho de 1958 a 1979. Henrique Rodrigues de Figueiredo (o Tarzan) também entrou no colégio para ministrar Matemática, neste mesmo ano de 1958, aposentando-se em 1984. O professor Jordão somente se aposentou em 1989, o mesmo fazendo o professor Gilberto, somente em 1993, após ter participado da Viagem dos Guardas-Marinha. O professor José Edison Pereira passou da cadeira de Francês para a de Inglês, tendo se aposentado em 1985. José França Santos permaneceu 20 anos no Colégio, solicitando aposentadoria em 1971.

Muitos conseguiram ganhar dos alunos apelidos: *Drops*, *Cunhambébe*, *Porquinho Geométrico*, este provável ancestral do *Roporco*, *Hamurabi* e muitos outros. Difícil identificar como nasciam estes apelativos.

## Diretores e Comandantes do Colégio Naval

Ao longo desses anos, o Colégio Naval foi administrado por oficiais com notável desempenho em suas carreiras. A relação que vem em seguida tem por finalidade listar os seus nomes e fixar as datas que exerceram as suas comissões.

NR. NOME

- 01 CMG Alberto Jorge Carvalho 30/01/51
- 02 CMG Mário Costa Furtado de Mendonça (1) 04/05/51
- 03 CF Mauro Bailoussier (Interino) 25/04/53
- 04 CMG Amoldo Toscano 18/05/53
- 05 CMG Fernando Carlos de Mattos 29/12/54
- 06 CF Aprígio Brandão de Carvalho (Interino) 18/02/56
- 07 CMG Zilmar Campos Araripe Macedo (2) 06/03/56
- 08 CMG Jurandyr da Costa Muller de Campos 15/02/57
- 09 CMG Aldo Pessoa Rebello 20/02/59
- 10 CF José Júlio de Souza Gomes Galvão (Interino) 04/03/61
- 11 CMG Mário Geraldo Ferreira Braga 16/05/61
- 12 CF Paulo Pedro Pragana (Interino) 10/10/62
- 13 CMG Arnaldo de Negreiros Januzzi 28/11/62
- 14 CMG Hélio Marroig de Mello 09/01/64
- 15 CMG Affonso José Pereira 30/06/65
- 16 CMG Ney Parente da Costa 30/09/66
- 17 CMG José Calvente Aranda 08/03/68

...

- 18 CMG Paulo Freire 17/07/69
- 19 CF Milton Marciano (Interino) 26/03/71
- 20 CMG Marcy Aroldo Gomes de Brito 13/04/71
- 21 CMG Hugo Stoffe 02/02/73
- 22 CF Carlos Augusto da Silva Figueira (Interino) 30/04/74
- 23 CMG Milton Ribeiro de Carvalho 30/08/74
- 24 CMG Jelcias Baptista da Silva Castro 01/07/75
- 25 CMG Fernando Luiz Pinto da Luz Furtado de Mendonça 25/02/77
- 26 CMG Paulo Cordeiro de Mello F ilho (3) 08/03/79
- 27 CMG Hilton da Silva Sobrinho (4) 21/04/82
- 28 CF Francisco Fernandes da Rocha (Interino) 21/04/82
- 29 CMG Milton Marciano 26/07/82
- 30 CF Antonio Constantino Conti de Oliveira (Interino) 02/05/84
- 31 CMG Maurício Halpem 14/09/84
- 32 CMG Mário Augusto de Camargo Ozório 24/04/86
- 33 CMG Odilon Luiz Wollstein 18/04/89
- 34 CMG Paulo César de Paiva Bastos 10/05/91
- 35 CMG Roberto Ciminelli 05/08/93
- 36 CMG José Eduardo Pimentel de Oliveira 28/04/95
- 37 CMG Marco Polo Áureo Cerqueira de Souza 31/03/97
- 38 CMG Edison Lawrence Mariath Dantas 19/02/99

CMG Guilherme Mattos de Abreu 29/08/2001  
CMG José Sadi Cantuari 18/07/2003  
CMG Sérgio Luiz Coutinho 30/03/2005  
CMG José Luiz Ribeiro Filho 14/02/2007  
CMG Rodolpho Arpon Marandin 13/02/2009  
CMG Joése de Andrade Bandeira Leandro 14/04/2010  
CMG Márcio Pereira Rippel 05/12/2011  
CMG Guilherme da Silva Costa 14/01/2014  
CMG Fabricio Fernando Nazareth Duarte 14/01/2016

### **Observações:**

Para todo diretor/comandante, exceto para o primeiro, a data de assunção de comando corresponde à data de passagem de comando do antecessor.

(1) Primeiro diretor em Angra dos Reis.

(2) Foi ministro da Marinha.

(3) Primeiro diretor ex-aluno.

(4) A partir de 01 /10/81, o diretor passou a ser chamado de comandante.

A Portaria Ministerial n° 1.450, de 1° de outubro de 1981, alterou as denominações de diretor e vice-diretor para comandante e imediato.

## Algumas Notas sobre o Fardamento dos Alunos

O Decreto Imperial, que regulamentou o Colégio Naval, estipulou, no capítulo X, artigo 42, que o uniforme dos alunos seria o mesmo que o usado pelos aspirantes da Escola de Marinha, antes estabelecido no Decreto n 5.268, de 26 de abril de 1873. Assim, adotava-se para o Colégio Naval o fardamento previsto no Decreto n 1.829, de 4 de outubro de 1856, com algumas alterações em 1863 e em 1868. Constituía-se de uma fardeta de pano azul-ferrete, peito trespassado, gola virada, três botões no canhão da manga, gravata preta de seda, calça de pano azul ou brim branco, conforme a estação, sapatos pretos e boné sem especificação de cor.

Como na época do Império, os alunos de 1951 usavam um fardamento idêntico ao dos aspirantes: dólmã e calças de brim branco, luvas, colarinho duro singelo e camisa de manga comprida sem gola, brancos, sapatos pretos e meias da mesma cor, boné, platinas com fundo azul-marinho, para as principais solenidades diurnas (este era o segundo uniforme do Decreto n 14.180, de 26 de maio de 1920); jaquetão azul-marinho de sarja, com calças do mesmo pano e cor, gravata vertical, colarinho duro dobrado e camisa de manga comprida sem gola, brancos, sapatos e cintos pretos, boné, divisas costuradas nas partes superiores das mangas, próprio para festividades noturnas ou licenciamentos; brim branco, camisa de manga comprida e calças do mesmo pano e cor, chapéu (caxangá), meias brancas, sapatos e cintos pretos, com divisas costuradas nas golas da camisa ou na parte superior do braço, para atividades internas; mescla azul, para as atividades normais e o azul interno conhecido por *cheviot*, em áspero azul-marinho de sarja (abominado pelos alunos). Japona, roupão branco de banho, um esquisito sapato para as atividades esportivas, um malão de fibra na cor roxa completavam a andaina.

É curioso assinalar que a primeira turma recebeu um mescla, cuja parte superior era em formato de jaqueta, inspirada na Escola Preparatória de Cadetes do Exército; a fazenda encolheu bastante nas lavagens e, com o eventual crescimento dos jovens,

passou a aparecer uma longa faixa da pele entre a jaqueta e o cinto, tomando obrigatório o uso de camiseta branca. Para resolver o problema, adotou-se uma solução: fosse qual fosse a temperatura ambiente, licenciamento para Angra, só de japona.

Em 1962, a Marinha criou, pelo Decreto nº 705, de 15 de março, o uniforme de verão de uso diário, constante de camisa branca de meia manga, calças, sapatos e meias brancos, boné de capa branca e platinas de fundo azul-marinho.

O fardamento cinza, interno, chamado 7º, nascido em 26 de maio de 1944, em plena guerra mundial, tomou-se comum no plano de uniformes de 1953, mas só foi adotado no Colégio em 24 de junho de 1968, por aviso N-2019 (Boletim nº 28 de 1968 pág. 2.995), usando as divisas nas golas da camisa e a plaqueta de identificação.

Com isso, desapareceram os dois uniformes anteriores, usados para os serviços internos.

O *cheviot* deixou de ser utilizado entre 1971 e 1972, conservando-se o dólma branco e o jaquetão azul-marinho, com as mesmas finalidades iniciais, obedecendo ao critério das divisas, o dourado para os mais modernos (âncora e uma estrela em sua parte inferior) e o prateado para os veteranos (âncora com três estrelas), tudo de acordo com o velho ditado marinheiro: "quanto mais ouro, mais calouro; quanto mais prata, mais pirata".

***A Fragata - História de um Ideal***  
**em Forma de Revista**  
**1951-1964**

Aos jovens pioneiros que embarcaram no Colégio Naval em 1951, para cursarem suas três séries, devemos a ideia da realização de uma revista que fixasse seus dons literários e, ao mesmo tempo, que marcasse os eventos ocorridos durante o período escolar. Surgida fatalmente em fins de 1951, em meio aos calouros, tomou corpo em 1952, quando esses primeiranistas passaram ao 2º, transformados em veteranos com a extinção do 3 ano. Batizada com o nome de *Revista do Colégio Naval*, publicava-se esse número 1 em formato de 27 por 18,5cm, tendo como redator o Aluno Antônio José B. de Castro Mendes Leal. Estampou o cotidiano, ao lado de contribuições literárias e participações esportivas em suas 80 páginas; várias páginas de aspectos do Colégio dão uma ideia do que era esse estabelecimento de ensino nos albores de sua vida.

O que estes haviam legado produziu frutos e, no ano seguinte, 1953, o número segundo da revista, com idêntico formato e 54 páginas, era produzido, refletindo a melancolia daquele grupo de moços afastados do convívio familiar em busca de uma profissão e de um ideal. A boa participação literária demonstrava a expressiva dedicação à boa leitura, caracterizando a turma, que pouco se preocupou com os eventos esportivos, empregando-se o recurso de anúncios pagos como necessários para possibilitar a impressão.

Já tinham os veteranos de 1954 quase terminado o número terceiro, liderados pelo Aluno José Mesquita Nogueira Ayres, quando tomaram a decisão de mudar o nome da revista para que melhor pudesse representar os seus anseios. Aberto concurso, coube a vitória ao jovem Ayres, que apresentara o nome *Fragata* com dupla simbologia: uma categoria de embarcação, surgida provavelmente no século XIII, como adaptação da galera, esta já ultrapassada e pouco manobreira - "... e é por isto que vejo neste Colégio um enorme barco no verde da mata fundeado", escreveu, com isso identificando-se com o periódico

da Escola Naval, *A Galera*; e assim é também chamada uma ave marinha brasileira (*Fregata magnificens Mathews*), de porte altaneiro e nobre. A sua capa é a representação estilizada do que acabamos de expor. Agigantou-se esse número para 30,5 por 23cm, com 78 páginas, em excelente papel. Esmaece o tom triste e circunspecto dos números anteriores para, no colorido de suas páginas, dar lugar a uma alegria maior, com nítidas reproduções, fixando os eventos expressivos. Não esquecendo uma contribuição literária apurada, introduziu artigos científicos, algumas caricaturas e, pela primeira vez, uma reportagem sobre a viagem de instrução a bordo do Navio-Escola *Guanabara*, bem como sobre o baile de formatura ou da Âncora.

Reproduziu-se em 1955 o mesmo estilo anterior, sob a liderança do Aluno Gil Pellegrini. A faina foi árdua e cansativa, esclarece a Redação, mas a *Fragata* chegava com panos içados a bom porto. Ressalta esse número pelos artigos em colaboração e pelo destaque ao esporte, deixando marcada a visita do Navio-Escola *Almirante Saldanha*, com os guardas-marinha que haviam completado a viagem de instrução, e a excelente palestra do diretor do Museu Histórico Nacional, professor Gustavo Barroso. O ano de 1956 introduziu uma novidade: a *Fragata* é agora a revista dos alunos do Colégio Naval e não mais um órgão do Grêmio. Suas 80 páginas obedeceram ao mesmo formato, tendo como redator-chefe o Aluno Theóphilo Symphronio do Couto Netto. Bem dosado, esse número conseguiu equilibrar as diversas tendências, tornando-se mais objetivo, apresentando importante artigo do Almirante Penna Botto, sobre a Guerra Naval, e do professor Carlos de Carvalho, sobre a Academia de Armapolis.

O ano 6 teve como redator-chefe o Aluno Lucimar Luciano de Oliveira, aumentando levemente de tamanho, conservando as mesmas 80 páginas e boa qualidade de impressão. Em amplo retrospecto, pode-se reconstituir os principais acontecimentos desse ano de 1957. Percebe-se uma diminuição gradativa das contribuições literárias e poéticas tão abundantes nos primeiros exemplares; o esporte ocupa maior espaço, ao lado das regatas e patescarias e das viagens a Santos e a Vitória.

Com a sugestiva capa do Aluno Vicente Dias Neves, representando os sinais que o Almirante Barroso mandou içar na *Amazonas* a 11 de junho de 1865, surgiu a *Fragata* número 7, de 1958, tendo como redator-chefe o Aluno Enrique Fontan Soto. Foi um belo álbum de recordação da turma que desembarcava, com um leve toque de pessimismo, pois acreditava-se na extinção da revista, o que, afinal, não se cumpriu. Mereceu destaque a viagem de adaptação, em contratorpedeiros, as técnicas de um "bacalhau" e a alegria de poderem contar com uma nova sede para o Grêmio. As produções literárias decaem: era a imposição do materialismo. Mas tiveram esses moços, pela primeira e única vez, a lembrança de uma alusão entusiástica ao Almirante Batista das Neves: o eterno Oficial de Serviço, como o chamaram. As suas 80 páginas continuavam a tradição.

Grandes dificuldades atravessaram os jovens que prepararam a revista de 1959, ano 8, com o mesmo formato e 56 páginas, sob a direção do Aluno Newton Righi Vieira. Toma-se ela mais voltada para o aluno, pela primeira vez apresentando um quadro completo individual da turma, bem como dos prêmios, dos tipos especiais, do dos contos às informações científicas, do humor ao Troféu Eficiência. Um bom trabalho de jovens vibradores.

Contrasta com esse o número 11, de 1962, com 27,5 por 21cm e 52 páginas. Os ventos não estavam bons para o Brasil naquela época, lutando os alunos com dificuldades várias. Apesar disso, o redator-chefe, Aluno Ivan Polari de Alverga com seus colaboradores conseguiram levar a bom porto a sua *Fragata*. Não chegaram a inovar, limitando-se a repetir as mesmas reportagens dentro das técnicas anteriores, não explorando as visitas de diversas personalidades, especialmente a do então ministro da Marinha, Almirante Pedro Paulo de Araújo Susano.

O ano 12, relativo ao ano de 1963, conservou o mesmo formato anterior, com 52 páginas, melhor diagramadas, porém com uma reprodução fotográfica deficiente. Surge a presença de um diretor da revista, Aluno Eduardo de Faria Pereira, passando a segundo plano o redator-chefe. Resenharam o que se passou durante o ano para a posteridade, alternando alguns desenhos com as fotografias.

O número 13, correspondendo a 1964, foi formado por uma equipe de jovens idealistas, dirigida pelo Aluno Carlos Eduardo Araújo Motta, reflexo dos novos momentos que caminhava a Pátria. Em sua apresentação, o seu diretor relaciona o nome da revista com a ave marinha e diz: "Luta! Nada conseguirá insularte no oceano ignoto em que agora passas a morar; confia em ti e nos que te governam, e haverás de vencer os abismos hiantes que se te apresentarem". A capa, desenhada pelo Aluno Alex Martins de Sousa, abre exemplar de 70 páginas em formato de 32 por 23cm. Encerra este número as observações sobre a visita ao Navio-Aeródromo *Minas Gerais*, a expedição ao forte da Ponta do Leme, em Angra dos Reis, notícias sobre campeonato de vela, patescaria, eventos esportivos, seção literária e personalidades visitantes. Os retratos individuais de cada um dos componentes da turma, com seus apelidos, deram um toque de originalidade ímpar.

Observação da Diretoria da TCOX: Aos interessados em conhecer todo o texto deste artigo recomendamos a leitura do livro Colégio Naval-50 anos do historiador Guilherme de Andrea Frota, editado pelo Serviço de Documentação da Marinha.

É essa a história de *A Fragata* (cuja coleção quase completa existe apenas no Colégio Naval), espelho de cada turma, testemunho de um passado recente, tradição para ser seguida em futuro. Sua importância é enorme, pois constitui pedra angular do acervo que hoje nos permite reconstituir episódios e eventos da história desse modelar educandário militar, uma história viva e dinâmica.

Observação da Diretoria da Turma Almirante Cox

Aos interessados em conhecer todo o texto deste artigo recomendamos a leitura do livro Colégio Naval - 50 anos do historiador Guilherme de Andrea Frota, editado pelo Serviço de Documentação da Marinha.